

Saúde e formação inicial

Um estudo de caso de um curso de educação física brasileiro

Michel Binda Beccalli

Universidade Federal do Espírito Santo. Escola Superior São Francisco de Assis

michelbeccalli@gmail.com

RESUMO

Trata de um estudo realizado com acadêmicos formandos em um curso de Educação Física de uma instituição privada do estado do Espírito Santo, que objetivou investigar as concepções desses acadêmicos no final do processo de formação inicial, na tentativa de identificar possíveis pontos de convergência e tensão entre as concepções apresentadas em estudo anterior (Beccalli, 2010), o qual se desenvolveu quando os acadêmicos estavam ingressando no curso. É perceptível a ampliação de argumentos e elementos que compõem as falas dos sujeitos ao produzirem enunciados sobre saúde e Educação Física. Entretanto, essa ampliação parece ter se estabelecido mais na perspectiva microscópica que macroscópica, no sentido de aprofundarem-se em uma perspectiva biológica ao invés de diversificarem os olhares sobre o fenômeno saúde-doença e sobre a Educação Física.

Palavras-chave: Saúde, Educação Física, Formação Inicial

Palavras iniciais

Desde de sua origem enquanto campo de intervenção, a Educação Física possui fortes laços com o movimento higienista e eugenista. A ideia de que o corpo é objeto de intervenção pedagógica para formar um sujeito mais forte, mais saudável (independente da concepção que se tenha de saúde) e mais apropriado para atender às demandas de um determinado modelo de sociedade circulam no campo desde então.

Sem dúvidas, não se pode negar que o campo sofreu influências ideológicas as quais foram marcadas por continuidades e descontinuidades. O intuito do presente texto é evidenciar pontos de divergência e convergência do ideal eugênico/higiênico com os discursos de acadêmicos de um curso de graduação em Educação Física de uma instituição privada do estado do Espírito Santo.

Diversos são os modos de olhar/conceber saúde e igualmente diversas são as abordagens sobre a temática. Algumas produções¹ acadêmico-científicas do campo da Educação Física têm alertado para ênfase descabida de um modelo biomédico de se pensar saúde, na medida em que o ser humano é reduzido a seu organismo biológico e a interação entre seus componentes anátomo-fisiológicos

Todavia, esse modo de pensar o ser humano empobrece e simplifica sua complexidade, a qual extrapola a dimensão eminente e exclusivamente física. Conforme argumenta Morin (2006), o ser humano é um ser uno e ao mesmo tempo, biológico, cognitivo, social, cultural, histórico, afetivo, dentre outras dimensões que o compõem.

Como desdobramento dessa visão de ser humano, decorre que pensar saúde é também pensar nessa e partir dessa complexidade. A I Conferência Internacional Sobre Promoção de Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, no ano de 1984, é tida como marco de um novo modo de se compreender saúde, no âmbito da Saúde Coletiva. O referido evento teve como produto um documento denominado de Carta de Ottawa (1986) que inclui essa complexidade no olhar sobre a saúde. Embora o Brasil não tenha sido signatário do documento supracitado, no mesmo ano ocorre no país a VIII Conferência Nacional de Saúde, a partir de cujo relatório (Ministério da Saúde, 1986) se pode perceber orientações e compreensões semelhantes às da Carta de Ottawa.

1 De maneira ilustrativa, podemos citar como exemplos Carvalho (2004); Fraga (2006); Bagrichevsky, Oliveira e Estevão (2003); Bagrichevsky et al (2006); e Bagrichevsky, Estevão e Oliveira (2007).

Isso posto, chamamos atenção para a formação inicial no campo da Educação Física, a qual sofreu forte influência higienista na década de 1980 e na contemporaneidade apresenta características neohigienistas, conforme tem apontado Fraga (2006). A formação inicial é *locus* privilegiado para que se compreenda qual é/quais são a(s) concepção(ões) de saúde que os acadêmicos do curso de Educação Física apresentam ao ingressarem no Ensino Superior e ao se tornarem egressos, bem como detectar possíveis indícios de como essas concepções se alteram no decorrer do processo de formação inicial, dado que é um dos papéis da formação possibilitar aos sujeitos refletir sobre questões como essa. Esse tipo de investigação pode, portanto, fornecer alguns elementos que nos permitam (re)pensar o processo de formação inicial e como a saúde tem sido tematizada/abordada no decorrer deste, na tentativa de qualificar e potencializar esse espaço de formação.

Beccalli (2010) realizou levantamento preliminar com acadêmicos ingressantes na graduação em Educação Física, em uma instituição privada do estado do Espírito Santo e pôde perceber que a visão que os referidos acadêmicos apresentavam sobre saúde e a relação desta com a Educação Física se pautava em princípios e argumentos biológicos havendo, inclusive indistinção, em diversos casos, entre atividade física e educação física. Ou seja, através do olhar desses acadêmicos, a educação física pode contribuir com a saúde dos sujeitos na medida em que lhe é atribuída a função de movimentar o corpo. Embora essa seja uma visão ainda hegemônica no campo, estudos têm questionado essa visão simplista e reducionista da Educação Física, bem como da própria atividade física e saúde. Nota-se forte presença, nos discursos dos acadêmicos investigados, de elementos circunscrito no universo discursivo do médico e de outros profissionais da saúde, bem como em um senso comum a respeito da educação física, suas contribuições para a saúde do sujeito, bem como da própria saúde. Diante do exposto, nos propomos a investigar as concepções desses acadêmicos no final do processo de formação inicial, na tentativa de identificar possíveis pontos de convergência e tensão entre as concepções apresentadas no estudo anterior (Beccalli, 2010), com vistas a

refletir sobre como elas têm se alterado (ou não), buscando possíveis elementos que contribuam na qualificação dessa formação.

Delineamento metodológico

Esse estudo caracteriza-se, em relação ao tipo de abordagem, como qualitativo, na medida em que intenta captar o sentido atribuído pelos acadêmicos à saúde e sua relação com a Educação Física, assim como as possíveis alterações desses sentidos no decorrer da formação inicial. As construções sociais, foco do presente estudo, dificilmente são quantificáveis, uma vez que envolvem um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos não podendo ser reduzida a operacionalizações de variáveis (Minayo, 2010). No tocante aos procedimentos, caracteriza-se como estudo de caso, pois circunscreve-se em um grupo específico de sujeitos que compõem uma turma de um curso de uma instituição. Por conseguinte, as análises aqui desenvolvidas são restritas a esse grupo específico.

Como instrumento para a produção dos dados², utilizamos questionários de respostas abertas direcionados aos acadêmicos que se constituem enquanto sujeitos desse estudo, buscando identificar os pontos de convergência e tensão entre as compreensões apresentadas em estudo anterior (quando os acadêmicos estavam ingressando no curso). Para produção do presente texto foram excluídos os questionários dos sujeitos que evadiram da graduação.

Os sujeitos desse estudo foram 17 acadêmicos do último período do curso de Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior de caráter privado, do interior do Espírito Santo, referente ao semestre letivo 2013/1. A escolha do público teve como critério participação na pesquisa realizada por Beccalli

² Por tratarmos de concepções/construções, compreendemos que os dados não podem ser coletados, mas que são produzidos na medida em que as enunciações constituem-se como processo de construção. Não se trata, portanto, de “colher” uma representação previamente construída que o sujeito tenha e que precisamos acessar. Trata-se, sobretudo, de uma produção do sujeito em interação com o pesquisador, mediado pelo instrumento de pesquisa.

(2010), dados os objetivos do estudo. Todavia, para evidenciar alguns aspectos importantes para as considerações que tecemos, apresentaremos alguns dados do estudo realizado em 2010 em nossas análises, a qual privilegiou a análise de conteúdo proposta por Minayo (2010).

Para iniciar o diálogo

Inicialmente, traremos alguns fragmentos de falas/percepções dos sujeitos ao ingressar no curso de graduação para, posteriormente, explorarmos as convergências e divergências destas com o momento em que os acadêmicos concluem a graduação. A influência do esporte na Educação Física favoreceu a aproximação de ambos a ponto de se tornarem praticamente sinônimos. As continuidades desse movimento ficam evidentes nas falas dos sujeitos, ao destacarem essa relação, no início de seu processo formativo sendo recorrentes falas como “Educação Física é o estudo do corpo humano, prática de esporte, lazer” (Respondente 2); “[Educação Física] é o estudo sobre esportes em geral” (Respondente 7); e “Educação Física ajuda a se educar fisicamente, a praticar esportes, a conhecer seu corpo, é você viver com saúde” (Respondente 14).

Não se trata de julgar as percepções dos sujeitos, mas acreditamos que essas falas nos dão indícios para compreender a construção da compreensão dos sujeitos sobre a Educação Física a partir da relação prévia com esta, a partir, sobretudo, da educação física escolar. Ou seja, a vivência das aulas de educação física contribuem para a construção da percepção do sujeito e as falas podem nos fornecer alguns indícios de quais relações foram construídas.

Quando nos referimos à saúde, educação física e atividade física, também parece haver pouca clareza para distinguir esses elementos, conforme evidenciado nas falas que seguem

“[...] Educação Física é promoção de saúde através da atividade física (Respondente 3)”.

“[...] Educação Física ajuda a cuidar e conhecer o nosso corpo [...] (Respondente 2)”.

Ao tratar especificamente da temática saúde, as falas demonstram forte influência de uma percepção amplamente difundida de que esta está relacionada a fatores biológicos. A ausência de doenças é frequentemente citada como fator fundamental para determinar o estado de saúde do sujeito.

“Saúde é qualidade de vida, sem dores, [...] sem doenças [...] uma pessoa vive uma vida saudável com cuidados com a alimentação e bebidas [...]. Saúde é viver sem doenças (Respondente 1)”.

“Saúde é bem estar, uma excelente qualidade de vida (Respondente 2)”.

“Saúde é qualidade de vida [...] é se ver livre de doenças [...] (Respondente 3)”.

“Viver bem sem nenhum tipo de problema (Respondente 4)”.

“Saúde é ter um corpo sem nenhum tipo de doença (Respondente 5)”.

Cabe destacar, todavia, que algumas falas trazem elementos que indicam extrapolar essa lógica biológica e apontam para outras questões/fatores que influenciam na saúde do sujeito.

“Saúde é um bem estar físico e emocional (Respondente 7)”.

“Ter saúde é viver com boa disposição física e mental. A física para a sustentação do corpo e a mental para enfrentar os problemas que aparecem (Respondente 6)”.

“É você está bem, sem nenhum problema físico ou psicológico (Respondente 8)”.

“Saúde é a força que temos, que nos mantém durante o dia a dia e em todas as atividades, é o funcionamento perfeito do corpo (Respondente 9)”.

“Saúde é estar bem com o seu corpo, com seu organismo sem mal estar, sem dores e principalmente sem tristeza; saúde é estar feliz (Respondente 3)”.

Embora seja perceptível a presença de alguns elementos que permeiam também o discurso acadêmico do campo da Educação Física, precisamos levar em consideração que o sujeito, na emissão do discurso, atribui sentidos e significados diversos aos elementos que compõem o discurso.

Boltanski (2004), ao tratar especificamente do discurso de sujeitos de diferentes classes socioeconômicas da França, na década de 1970, sobre o tema doença, pôde perceber que elementos referentes ao discurso médico

(científico) manifestam-se nas falas das pessoas, tendo estas que construir, com seus próprios meios, um discurso próprio, permeado pelos elementos tomados da fala (científica) do médico. Nessa tentativa há, ainda de acordo com o autor, a utilização de determinados termos que são reinterpretados e ressignificados no discurso produzido por essas pessoas que, de alguma maneira, buscam dar coesão e inteligibilidade aos elementos apropriados do discurso científico. A título de exemplo, podemos evocar a fala do respondente 10.

“Saúde é você ter condições de viver bem, sem doenças e sem preocupações de ficar se entupindo de remédios (Respondente 10)”.

Embora Boltanski (2004) trate das representações sobre a doença, acreditamos ser possível uma aproximação, *mutatis mutandis*, com as percepções dos acadêmicos ingressantes no curso, no tangente à saúde.

Formação inicial: miopia conceitual(?)

Se compreendermos que a formação inicial é um momento que se caracteriza, dentre outros, pela apropriação do que o campo de atuação profissional e de produção do conhecimento tem construído/constituído para nele atuar, esperamos que esse momento seja capaz de provocar no profissional em formação a (des)construção de percepções e reflexão sobre estas, nos parece preocupante pensar que os traços biológicos das falas se cristalizam.

“[...] Quando iniciei a faculdade pensava que saúde era só a ausência de doença, porém agora penso que a ausência de doença combinada com a falta de atividade física é uma forma de “doença em potencial” (Respondente 11)”.

“[...] a Educação Física tem como proposta as atividades físicas para melhorar a saúde e reduzir os riscos de morte prematura, tais como: reduzir o risco de infarto, risco de pressão alta, ajudar a pessoa a manter o peso ideal (Respondente 6)”.

“A Educação Física visa instruir a fazer atividades. Ela mostra como é importante a prática de exercícios e a executá-los de maneira correta (Respondente 13)”.

“[...] Atividade física é fundamental para a vida [...], pois com a prática da mesma você com certeza terá mais saúde (Respondente 7)”.

As falas partem do pressuposto axiomático de que “atividade física é saúde” e de que a atividade física é o instrumento de intervenção do campo, por excelência³. Nos argumentos de Fraga (2006), houve por muito tempo foco na capacidade aeróbica do indivíduo, no sentido de ser esta sua unidade de medida. No entanto, houve deslocamento desse foco para o gasto energético diário e, a partir de então, este assume centralidade na “mensuração” e quantificação de atividade física. Ou seja, a informação de que atividade física relaciona-se com a saúde, em termos causais, através da capacidade de captação máxima de oxigênio, subsidiada por especialistas, dá espaço a uma nova visão dessa relação causal, a partir do gasto energético, também subsidiada por eles. Não se trata somente de uma mudança de foco. É necessário pensar nas implicações dessa mudança, destacando que

“[...] a atividade física homogeneíza o coletivo porque é impessoal, padroniza e nivela o corpo, com base na racionalidade biomédica, ao mesmo tempo em que o desqualifica ao destituir o humano do movimento (Carvalho, 2007, p.65)”.

Tendo o gasto energético como parâmetro para “mensuração” da atividade física, torna-se possível incluir qualquer atividade realizada, inclusive as mais corriqueiras, nessa categoria, a partir da conversão do trabalho realizado em energia dispendida. Dessa forma, qualquer atividade humana pode ser transformada/convertida em números que representam uma determinada parcela de uma meta a ser cumprida, no que se refere ao gasto energético. Desse ponto de vista, toda e qualquer atividade equipara-se, no sentido de não haver diferenciação, dado que o objetivo é único – aumentar os números do dispêndio energético diário – não necessariamente eliminando mas, no mínimo, desconsiderando toda a (inter)subjetividade presente no movimento. Nessa perspectiva, passar horas caminhando e conversando com um amigo na praia é o mesmo que passar as mesmas horas caminhando em uma esteira, na mesma velocidade.

³ Compreendemos que essa questão suscita uma discussão epistemológica, mas não é nosso intuito realizá-la no presente texto.

Carvalho (2005, p.102) nos auxilia a pensar sobre essa questão ao destacar que “[...] os saberes e práticas em saúde que prevalecem na Educação Física são ainda os que se fixam em dados estatísticos, que reduzem o processo saúde-doença a uma relação causal determinada biologicamente[...]”.

Novamente, é importante ter clareza que não buscamos julgar as falas dos sujeitos e seu conteúdo, mas intentamos a partir delas buscar indícios que nos auxiliem a pensar o processo de formação (inicial) em Educação Física. Nesse sentido, é curioso observar que a relação simbiótica observada no início da graduação entre educação física e esporte parece se construir entre educação física e atividade física, ao ponto de se confundirem, em alguma medida. Ao falar das contribuições da educação física, o sujeito parece referir-se à atividade física.

“[...] antigamente eu achava que saúde era só ausência de doenças. Mas agora tenho uma concepção de que saúde vai muito além disso. Com a ajuda da Educação Física nós conseguimos controlar a alimentação [...], cuidar de lesões e prevenir as mesmas para evitar problemas futuros (Respondente 2)”.

“A Educação Física auxilia tanto para a manutenção quanto para a melhora e recuperação da saúde (Respondente 12)”.

“A prática de atividades físicas estimula a manutenção da saúde, melhorando assim a PA (pressão arterial), o sistema cardiorrespiratório e um envelhecimento saudável, “sem depender de outros” para suas necessidades [...] (Respondente 1)”.

A fala do Respondente 1, por exemplo, foca nas manifestações fisiológicas da atividade física para sustentar a percepção sobre educação física. Carvalho (2004) chama a atenção para o movimento crescente de consumo de atividade física no contexto brasileiro que vem ocorrendo ou, na perspectiva de Fraga (2006), podemos pensar em um aumento da adequação ao ideário do estilo de vida ativo, a partir dos mecanismo que o autor denomina de maquinaria do agito⁴. Talvez esse movimento tenha auxiliado a fortalecer, no campo da

4 Fraga (2006, p.8) define a maquinaria do agito como “[uma] série de dispositivos que dá vazão a uma racionalidade físicosanitária contemporânea, dentro de uma rede mundial de disseminação da atividade física como fator de proteção aos riscos do sedentarismo”.

Educação Física, um movimento de focalização da atividade física como elemento central de intervenção e produção de conhecimento. Os achados corroboram com os de Figueiredo (2004), na medida em que a autora verificou valorização das disciplinas de caráter biológico, argumentando que parece se tratar de um movimento que se relaciona com a concepção que se tem da Educação Física e de seu papel social, bem como a tendência de valorizar disciplinas com tais características por considerá-las “mais difíceis”. Talvez essa interpretação seja uma possibilidade de compreensão da força do discurso pautado em questões biológicas nas falas dos sujeitos.

Nos últimos tempos a sociedade brasileira vem transformando-se em grande consumidora de atividade física. Muitos são os apelos para transformá-la em ‘necessidade básica’, parece até que o homem está escravizado a ela, sendo essa noção muito difundida pelos veículos de comunicação de massa e, também, pelas áreas afins – Educação Física e Medicina. Há um esforço organizado para que o indivíduo incorpore e materialize o ‘pensar e agir’ a respeito e em virtude da atividade física (Carvalho, 2004, p.95).

Por um lado, as falas podem ser vistas, se comparadas com aquelas do início da graduação, como uma ampliação “míope” da visão calcada em aspectos biológicos, servindo a formação inicial como elemento de ampliação dessa percepção. Por outro lado, também notamos que a formação tem contribuído para a desconstrução dessa percepção, ainda que de modo tímido.

“[...] acreditava que saúde era só estar livre de doenças, mas agora compreendo que vai muito além (Respondente 12)”.

“[...] agora eu vejo que a atividade física tem muito mais benefícios do que eu imaginava, e ajuda bastante na disposição do dia a dia (Respondente 6)”.

“[...] apesar de já saber que a saúde é fundamental, a graduação pode possibilitar um leque de conhecimentos mais específicos da sua importância (Respondente 15)”.

Cabe destacar que não estamos sugerindo que a formação inicial deva dar conta, por si só, de desconstruir a visão biologicista sobre saúde e educação física, nem tampouco que exista uma percepção correta que se deva almejar.

Ademais, nos parece ser necessário considerar o alerta de Figueiredo (2008) e Figueiredo (2004), ao destacar que as experiências pregressas à graduação parecem influir de modo significativo na construção/constituição da identidade profissional e, por conseguinte, o que esse profissional (em formação) valoriza (ou deixa de valorizar).

“Alguns estudantes do curso de Educação Física não se vêem em processo de formação profissional. A representação que parecem fazer do curso está fortemente identificada com suas trajetórias individuais e com o prolongamento dessas trajetórias durante os anos de formação (Figueiredo, 2008, p.107)”.

Outrossim, compreendemos que o sujeito lida com informações diversas, na medida em que as fontes de informação sobre essa e outras temáticas não se limitam à formação inicial. Desse modo, o “consumo” e a significação das informações se dá de modos diversos pelos sujeitos, mediados por sua subjetividade. Todavia, as falas parecem expressar um movimento para o qual precisamos nos atentar no âmbito da formação, no sentido de que essa formação precisa potencializar espaços para problematização e reflexão sobre questões como saúde, identidade docente, dentre outros. Isso não implica afirmar que esses espaços e movimentos não existam, mas implica pensar até que ponto têm conseguido dar conta das questões colocadas, entendendo que o sujeito não é passivo e, portanto, não se resume a um receptor de informações.

Considerações complementares

Embora indícios de movimentos de ruptura possam ser percebidos nas falas dos sujeitos, especialmente ao finalizarem o processo de formação inicial, a forte associação entre Educação Física e conhecimentos de caráter biológico aparece de modo expressivo. A focalização dessa dimensão e traços do movimento eugênico e higiênico nos chama a (re)pensar a formação profissional no âmbito da Educação Física. Atualmente, no que diz respeito à saúde, o processo formativo tem se constituído a partir de um recorte de alguns

componentes da dimensão saúde/doença, recorte esse que gera um isolamento da doença (retirada desta de seu contexto).

Na tentativa de romper essa lógica, Rocha & Centurião (2007, p.22) apostam que a formação deve abranger “além das habilidades técnicas, são necessárias “tecnologias” que assegurem a integração “entre os conhecimentos científicos e empíricos, aos demais saberes contidos nas vivências e interações estabelecidas com a população em nossa prática cotidiana”.

Temos clareza de que as discussões aqui esboçadas não se encerram no presente texto. Buscamos, contudo, levantar algumas questões para serem pensadas sobre o processo de formação inicial em Educação Física, na tentativa de identificar alguns elementos de (des)continuidade(s) dos movimentos que fizeram parte da história da Educação Física brasileira, sobretudo do movimento higiênico/eugênico da qual esta emergiu, com finalidade de adequação/otimização dos corpos para um determinado tipo de sociedade que se almejava construir.

De fato, inúmeros são os desafios a serem enfrentados no processo de formação profissional e o debate está longe de se esgotar. Contudo, algumas possibilidades têm se apresentado. As contribuições de Amorim e Castanho (2008) e Federici (2015) tem nos incitado a considerar como dos possíveis caminhos a aproximação com a dimensão estética da vida e esse movimento pode ser potente na busca da construção de um processo formativo que considere o ser humano em sua totalidade/unidade e não apenas como gestor racional de sua vida. Nos parece que mais do que tomar essa compreensão como ponto de partida, é preciso que o próprio processo de formação profissional precisa romper com a hegemonia técnico instrumental e mercadológica.

REFERÊNCIAS

Amorim, V., & Castanho, M. (2008). Por uma educação estética na formação universitária de docentes. *Educação E Sociedade*, 29(105), 1167-1184.

- Bagrichevsky, M., Estevão, A., & Oliveira, A. P. de. (2006). *A saúde em debate na Educação Física v. 2* (1st ed.). Blumenau: Nova Letra.
- Bagrichevsky, M., Oliveira, A. P., & Estevão, A. (2003). *A saúde em debate na Educação Física v. 1*(1st ed.). Blumenau: Edibes.
- Bagrichevsky, M., Estevão, A., & Oliveira, A. P. de. (2007). *A saúde em debate na Educação Física v. 3* (1st ed.). Ilheus: Editus.
- Beccalli, M. Atividades físicas de aventura na natureza e saúde: novas perspectivas. (2010). In *IV Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura*. Mucugê.
- Boltanski, L. (2004). *As classes sociais e o corpo* (3rd ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Carvalho, Y. (2005). Entre o biológico e o social: tensões no debate teórico acerca da Saúde na Educação Física. *Motrivivência*, XVII(24), 97-105.
- Carvalho, Y. (2004). *O "mito" da atividade física e saúde* (3rd ed.). São Paulo: Hucitec.
- Carvalho, Y. (2007). Práticas corporais e comunidade: um projeto de educação física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa (Universidade de São Paulo). In A. Fraga & F. Wachs, *Educação Física e Saúde Coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção* (2nd ed.). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Federici, C. (2015). Práticas corporais, alegria e saúde. In I. Gomes, A. Fraga & Y. Carvalho, *Práticas corporais no campo da saúde: uma política em formação* (1st ed.). Porto Alegre: Rede UNIDA.
- Figueiredo, Z. (2008). Experiências sociocorporais e formação docente em educação física. *Movimento*, 14(1), 85-110.
- Figueiredo, Z. (2004). Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. *Movimento*, 10(1), 89-111.
- Fraga, A. (2006). *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa* (1st ed.). Campinas: Autores Associados.
- Minayo, M. (2010). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (29th ed.). Petrópolis: Vozes.

Ministério da Saúde. (1986). *Relatório da VIII Conferência Nacional de Saúde*. Brasília.

Morin, E. (2006). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 11th ed. Brasília: UNESCO.

Rocha, V., & Centurião, C. (2007). Profissionais da saúde: formação, competência e responsabilidade social. In A. Fraga & F. Wachs, *Educação física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção* (1st ed.). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Carta de Ottawa (1986). Primeira Conferência Internacional sobre promoção da saúde; novembro de 1986; Ottawa; Ca. In: Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México*. Brasília: Ministério da Saúde.